

---

■

**Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega.**

*Geógrafo, Magíster en Medio Ambiente y Desarrollo de la Universidad Federal de Pernambuco (Recife, Brasil). Miembro del Grupo Nexus: Sociedade & Natureza, UFPE, Brasil.*

*Correo: nobregap84@gmail.com*

**Resumen:**

*El artículo tiene como objetivo iniciar el debate acerca de la necesidad de pensar los espacios urbanos de las ciudades metropolitanas en los países en desarrollo frente a las muchas demandas de un grupo de población con mayor expectativa de vida.*

*Las reflexiones fueron hechas con apoyo en el trabajo validado en el grupo Sociedad y naturaleza de la UFPE y el análisis del envejecimiento de la población y del espacio en un distrito central de la ciudad de Recife, para obtener el título de Magíster.*

**Palabras clave:** *Envejecimiento. Desarrollo urbano. Ciudades.*

**Abstract:**

*The purpose of the article is to spark a debate regarding the necessity of planning the use of urban public space in big Cosmopolitan cities in developing countries where the life expectancy and the population are growing.*

*This information was gathered, based on the work conducted by the UFPE group, and the data analysis of the aging population and the urban public space by RECIFE.*

**Key Words:** *Aging, Urban development, Cities.*

---

# NOVOS TEMAS, ANTIGOS DESAFIOS: ¿COMO PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DO ENVELHECIMENTO? REFLEXÕES A PARTIR DA CIDADE DO RECIFE, BRASIL

## 1. Reflexões sobre a cidade – condições gerais sobre o processo de reprodução da vida

Histórica e contemporaneamente, a cidade é entendida como um “centro de difusão” das inovações e associada a essa representação tem-se a dimensão de que os espaços urbanizados são dotados de uma condição hierárquica superior frente aos espaços rurais<sup>1</sup>. Não raro, a sociedade contemporânea associa o progresso<sup>2</sup>, o novo, o avançado como necessidade de reprodução da vida, ou seja, só aquilo que representa o signo da modernidade é capaz de aferir status de desenvolvimento, principalmente nas grandes cidades.

- 
- 1 Os espaços urbanos são comumente palco de representações sociais que os associam com a ideia de progresso e desenvolvimento, sendo, comumente símbolo e lócus de difusão e inovação, o que ao mesmo tempo e a despeito de preconceitos socialmente estabelecidos e mantidos, compõem o quadro de contraposição ao rural, então, a partir disso, os espaços rurais são analisados como espaços do atrasado e de um tempo mais lento, condição essa que cria estereótipos que obscurecem a interpretação da realidade.
  2. Essa dimensão do progresso associado às cidades pode ser entendida como aquela imagem que o Walter Benjamin apontou na 9ª tese sobre o conceito de história: Minhas asas estão prontas para o voo, se pudesse, eu retrocederia. Se ficasse no tempo vivo, eu teria menos sorte. (Gerhard Scholem, Saudação do Anjo). [Mein Flügel ist zum bereit Schwung, ich kehrte gern zurück, denn blieb ich auch lebendige Zeit, wenig hätte ich Glück. (Gerhard Scholem, 'VOM DE GRUSS ANGELUS)... Há um quadro do pintor Paul Klee chamado Angelus Novus. Representa um anjo que parece a ponto de afastar-se para longe daquilo a que está olhando fixamente. Seus olhos estão arregalados, sua boca aberta, suas asas estendidas. O anjo da história deve ter este aspecto. Seu rosto está voltado para o passado. Onde diante de nós aparece um encadeamento de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que vai empilhando incessantemente escombros sobre escombros, lançando-os diante de seus pés. O anjo bem que gostaria de se deter, despertar os mortos e recompor o que foi feito em pedaços. Mas uma tempestade sopra do Paraíso e se prende em suas asas com tal força, que o anjo já não as pode fechar. A tempestade irresistivelmente o impele ao futuro, para o qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce até o céu diante dele. O que chamamos de Progresso é esta tempestade. BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Artículo recibido el 2 de marzo de 2010 y aprobado para su publicación el 22 de junio de 2010

A cidade e a sociedade urbana são analisadas como sinônimos, coisa que não são, o que gera na maioria dos estudos sobre a reprodução da vida social nas cidades uma confusão entre o que é estabelecido como característica espacial e o que está estabelecido como característica social. Essa distorção no entendimento do que produzido e do que produz gera a construção de uma imagem coletiva, transferindo para os humanos a lógica dos objetos, ou seja, só aquilo que é desenvolvido e sano pode participar à esfera pública e ser competitivo frente a sua capacidade produtiva.

Frente essa confusão e mescla descontextualizada sobre a sociedade urbana e a cidade se pode afirmar que os mecanismos de reprodução da cidade são estabelecidos desconsiderando, na maior parte dos casos, as sutilezas da forma de reprodução da vida humana e os vínculos afetivos construídos entre os humanos com eles mesmos, e entre os humanos com o espaço vivido. No espaço do progresso não há ferramentas para entender e revelar a dimensão do outro; o outro só é respeitado quando representa uma possibilidade de conexão com o(s) grupo(s) que participem da “ponta” do processo de reprodução das relações da cidade, do capital, do mundo do trabalho, dentre outros.

Do cenário, mencionado acima, se constrói e justifica a definição de um mundo coisificado<sup>3</sup>, em que as necessidades de reprodução do capital subvertem à lógica do encontro e das relações de sociabilização. Com isso, os humanos se tornam cada vez mais fracos, fragmentados e desfiguram sua condição. Essa relação tem como característica central a reprodução do lucro e a extração da mais-valia. Além disso, não só os humanos, mas, os produtos originados de seu processo produtivo passam a integrar a lógica, sociometabólica<sup>4</sup>, de reprodução do capital<sup>5</sup>.

A condição sociometabólica que impõe o sistema reflete, então, uma cidade que abriga no conjunto de ações que a constitui um projeto de sociedade que elimina a dimensão humana e que

---

3 (...) este projeto, o do capital, majoritariamente é aceito e, mais que isto, internalizado pelos sujeitos. E que ao se reproduzir, assegura não apenas a sua reprodução, mas, a do modo de produção capitalista, a sociedade capitalista, são relações mercantis que vem conformando os processos sociais. O homem, nesse contexto, ele próprio mercadoria, coisifica-se, se fragiliza e se fragmenta, se desfigurando na qualidade de produzir de coisas e de usar a própria consciência (CARLOS, Ana Fani Alessandri. Coleção Repensando a Geografia: A cidade. São Paulo: Editora Contexto, 1995. 98 p.).

4 O capital é, portanto, um sistema poderoso e abrangente, tendo seu núcleo constitutivo formado pelo tripé Capital, Trabalho e Estado, sendo que estas três dimensões fundamentais são materialmente constituídas e inter-relacionadas, sendo impossível superá-lo sem a eliminação do conjunto dos elementos que compreende esse sistema. Sendo um sistema que não tem limites para a sua expansão (ao contrário dos modos de organização social anteriores, que buscavam em alguma medida o atendimento das necessidades sociais), o sistema de sociometabolismo do capital, tornar-se limite incontrolável. Fracassou na busca de controlá-lo, tanto as inúmeras tentativas efetivadas pela social-democracia, quanto à alternativa de tipo soviético, uma vez que ambas acabaram seguindo a linha de menor resistência do capital (MÉSZÁROS, István. Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.).

5 Na esteira das formas, coisifica-se o homem e suas relações; suas obras e produtos lhe são subtraídos (CARLOS, Op cit, p. 13).

se concentra em estabelecer vínculos obedecendo a uma lógica que caminha para a produção ascendente e sem limites.

A ilusão da produção incessante subverte valores e cria prioridades que não respeitam a dimensão da vida humana, desse modo um sistema baseado na coisificação dos sujeitos replica a lógica dos objetos técnicos, e então se inicia relações sociais subjugadas à tirania do novo. Ou seja, nesse sistema o novo é mais competitivo e representa a melhor possibilidade de extrair mais-valia.

Com essa lógica também integrada ao mundo do trabalho, como apontou Mészáros<sup>6</sup>, os humanos funcionam apenas como mais um componente do modo de produção, sendo assim, quanto mais jovem for a mão-de-obra, mais conectada com a lógica sociometabólica ela estará. Estabelece-se com isso uma ruptura entre o velho e o jovem, o que faz com que o velho seja substituído, pois, já não mais interessa ao processo produtivo.

Em termos gerais, a condição revelada anteriormente é sem dúvida uma das facetas do processo de reprodução da vida no sistema atual, entretanto, essas características se encontram “vociferadas” e arraigadas no espaço urbano. Uma vez que os processos produtivos na cidade estão cada vez mais vinculados aos fatores de produção e reprodução do capital. Assim, o espaço urbano é apropriado com base em lógicas que desvinculam uma parcela da dimensão humana, os grupos minoritários. Essa forma de produzir e reproduzir a cidade diminui a sua condição de espaço do acontecer, uma vez que esse acontecer só é possível quando se percebe o urbano como uma construção social que além de refletir e ser reflexo, é condicionante e condição social, é fragmento e unidade que se forma numa lógica complexa, viva, constante.

O modelo de reprodução fragmentado das cidades, que é imposto pelo sistema atual, faz com que a análise da cidade também seja fragmentada e a dimensão social seja, na maioria das vezes, desviada de sua condição de centralidade. Esse movimento reflete na ciência uma ruptura entre as reflexões teóricas e as ações concretas, gerando desconexões entre temas e emergências urbanas. Com base nisso se percebe um jogo dialético entre o que se caracteriza como novidade e o que é considerado como anacrônico. A cada momento um elemento antigo reassume características de novidade, e para se atingir solução nova se faz necessário refletir acerca de problemas novos, ainda que sejam novos apenas em sua forma de exibição.

Os objetos<sup>7</sup> técnicos e as pessoas estão cada vez mais entrelaçados, e os mesmos têm incorporados assim a dimensão do valor, ou seja, tudo é útil frente à capacidade e possibilidade de realização do trabalho. Ou seja, o que não serve para alimentar as engrenagens do processo é substituído,

---

6 Mészáros, Op cit, 2002

6 “vivemos segundo o seu ritmo [dos objetos] e sua incessante sucessão” (SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002. p. 187).

e a noção de substituição remete a noção de renovação, o que permite inferir que a sociedade urbana, vítima do processo de reprodução alienada do capital, subjuga o velho em detrimento ao novo. Assim, velho é tudo aquilo que não representa mais a capacidade de reproduzir e por isso não compõe os ciclos de vida de um mundo movido pela força dos meios de produção e reprodução do capital<sup>7</sup>.

Com o advento da modernidade - essa modernidade que reflete a criação de espaços amnésicos<sup>8</sup> e instantâneos; a modernidade que representa o abandono das relações sociais; a superação do velho pelo novo, que reinventa formas e supera padrões, que articula tempos efêmeros – a sociedade caminha ainda para maiores discrepâncias entre os grupos excluídos e os grupos envolvidos.

A cidade se torna o local onde este conjunto de interferências é mais visível. É na cidade que as fragilidades e “demências” do processo de (re) construção da vida, baseado nos moldes do capital, exibe sua dimensão, deixando claras as condições dos que não participam do processo de construção do seu tecido. Assim, o velho, o obsoleto se torna visível e a sua existência expõe fragilidades. Frente a isso é que surgem os novos desafios no estabelecimento de políticas públicas e estratégias de desenvolvimento que sejam fruto de uma proposta de planejamento.

## **2. Considerações sobre o envelhecimento: estudando o caso de Recife**

Até hoje, ainda não foi totalmente esclarecido o porquê de um organismo envelhecer. No entanto, tem sido considerado, numa perspectiva biológico-natural, que exista um gene que controla esse processo, e pode ser o responsável por controlar o tempo máximo de vida dos seres humanos. Não obstante, não é sabido quando esse gene é ativado ou quando o processo de envelhecimento é deflagrado. Sem dúvidas, as células podem dividir indefinidamente, porém existe um número máximo de cópias geneticamente determinado. A teoria mais difundida é a que as células são também deterioradas pelos produtos metabólicos que acabam por desgastar o corpo com o tempo, fazendo com que a atividade biológica seja diminuída. Com isso, o corpo não é mais capaz de executar plenamente as suas funções. Configurando então, o envelhecimento.

---

7 No mundo capitalista, o interesse em longo prazo não conta mais: os privilegiados que decidem o destino da massa não temem partilhá-lo. Quanto aos sentimentos humanitários, a despeito das tagarelices hipócritas, eles não intervêm. A economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda a civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois, é jogado fora. (BEAUVOIR, Simone de. *A velhice: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições da vida dos idosos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.).

8 Espaço e tempo abstratos redefinem constantemente os usos e com eles os processos que criam a identidade, acabando por destruir as condições nas quais se gesta a memória coletiva. Nesse contexto, a espacialidade das relações sociais se inscreve num espaço que se reproduz, tendencialmente, sem referências. Esse é o processo que está na gênese do que chamo de espaço amnésico, um processo que enfoca a ruptura, uma mudança que não se apresenta como gradual, mas como produto de uma ruptura brutal, “era e não é mais”, diluindo os referenciais se diluem no espaço da metrópole e, com ele, os traços em que se baseiam a construção da identidade, produzida pela vida de relações, no interior dos bairros. (CARLOS, Ana Fani. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007b, p. 60).

É preciso então, entender que o conceito de envelhecimento não está apenas restrito ao avançar no conjunto dos anos vividos<sup>9</sup>, mas, é um conceito que se apresenta de maneira “multidimensional, determinado socialmente, não apenas em relação às condições econômicas, e também no plano simbólico, na percepção coletiva sobre o envelhecer”<sup>10</sup>. Dessa maneira, envelhecer é um processo que tem como base características atingir um conjunto de etapas físicas, psicológicas e sociais<sup>11</sup>.

O processo de envelhecimento da sociedade tem sofrido uma aceleração recente nos países em desenvolvimento. Segundo pesquisa do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2025, o Brasil contará com mais de 32 milhões de pessoas acima dos 60 anos, ou seja, 15% da população do país, se configurado como o sexto país com maior número de idosos. A região nordestina tem 3.087.586 idosos, ou seja, 7,32% do total. Em Pernambuco, são 559.068 pessoas na faixa da terceira idade, e, na cidade de Recife, há um total de 68.770 maiores de 65 anos<sup>12</sup>.

Nas últimas décadas, o Recife tem passado por um processo significativo de envelhecimento da sua população. No entanto, esses números não foram suficientes para que a população atingisse crescimento negativo. Fazendo-se a comparação entre os dados estatísticos do IBGE no intervalo dos anos 1991 e 2000 a taxa de crescimento da população recifense cresce a uma proporção de 0,93, positiva.

Recife apresenta um número bastante significativo de idosos, sendo a 6ª capital brasileira no que tange ao índice de envelhecimento, como mostra a tabela 01. De acordo com o índice de envelhecimento obteve-se 3 grupos diferenciados em relação a quantidade de pessoas em idade avançada, com base no grupo de mil jovens com idade inferior a 15 anos. O primeiro grupo corresponderia a uma população com um número grande de idosos, ou seja, o grupo de pessoas que apresentaram índice entre 40 até 26. Um segundo grupo compreende as capitais com índices de envelhecimento populacional abaixo de 26 e acima de 15, o que corresponde a uma população em processo de envelhecimento, entretanto com um nível intermediário de idosos em seu tecido populacional, o que caracteriza as capitais: Recife, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, entre outras. É um terceiro grupo com baixa incidência de população idosa, o que estaria de acordo com o índice representa números abaixo de 15.

---

9 No plano individual, envelhecer não significa apenas aumentar o número de anos vividos (CARVALHO, Maria Clotilde Barbosa Nunes Maia de. O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: projeto “era uma vez... atividades intergeracionais”. Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007).

10 Ibid., p. 25

11 Atendiendo a la etimología proceso es el conjunto de las fases sucesivas de un fenómeno, en nuestro caso nos referimos a las etapas físicas, psicológicas y sociales que pasa una persona hasta llegar a la vejez (FERNÁNDEZ, Rosario Paniagua. El proceso de envejecimiento y la intervención social. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 4, n. 1. (jan./jun. 2007), p. 61).

12 BACELAR, Op cit, p. 33-34.

Tabela 01 – Índice de envelhecimento das capitais brasileiras, 2000.

Capital	2000 (em %)
Palmas	4,80
Boa Vista	7,00
Macapá	7,34
Porto Velho	8,26
Manaus	9,31
Rio Branco	10,77
Brasília	11,58
São Luís	12,61
Cuiabá	12,62
Teresina	13,86
Maceió	14,47
Belém	16,42
Campo Grande	16,94
Fortaleza	17,26

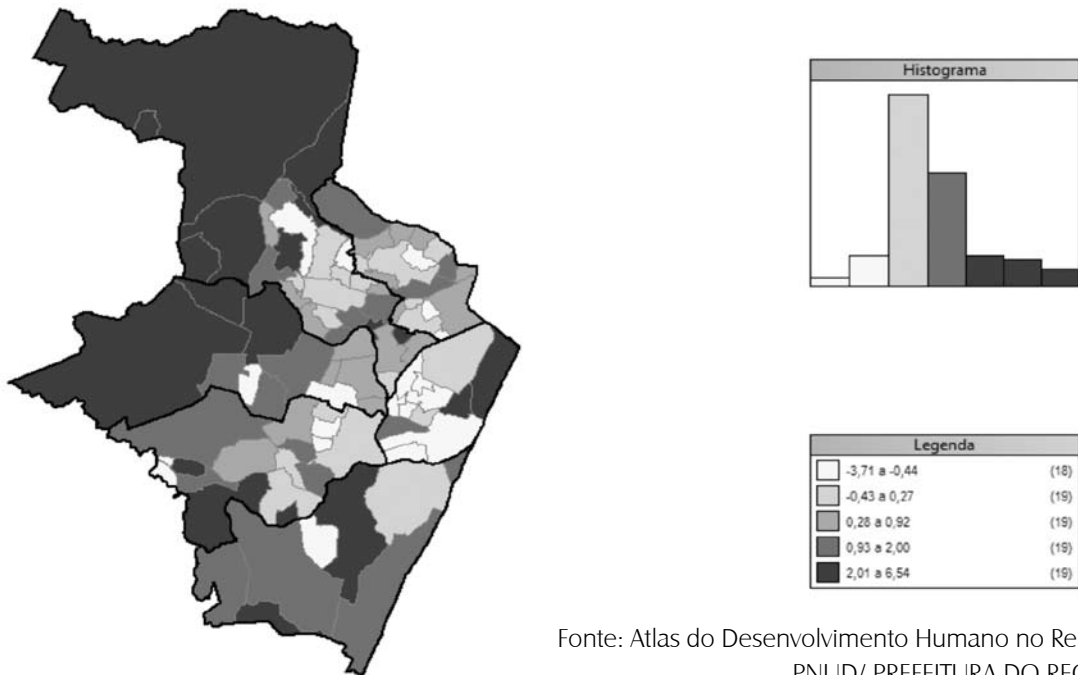
Capital	2000 (em %)
Aracaju	17,36
Salvador	17,44
Goiânia	17,78
Natal	19,44
João Pessoa	20,11
Curitiba	22,91
Florianópolis	23,91
Recife	24,88
Vitória	25,49
Belo Horizonte	25,63
São Paulo	25,87
Porto Alegre	36,25
Rio de Janeiro	40,36

Fonte: IBGE, disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2001/a15.htm>.

Dentre as capitais do Norte e Nordeste, Recife é a que concentra o maior contingente de população idosa, o que representa socialmente uma metrópole, que em tese, necessita de uma maior atenção em relação às políticas públicas que contemplem a inserção dos idosos na matriz de reprodução da vida, a fim de diminuir os níveis relativos e absolutos de exclusão desse grupo social, o que ratifica a condição de desafios para as estratégias de planejamento e gestão urbana.

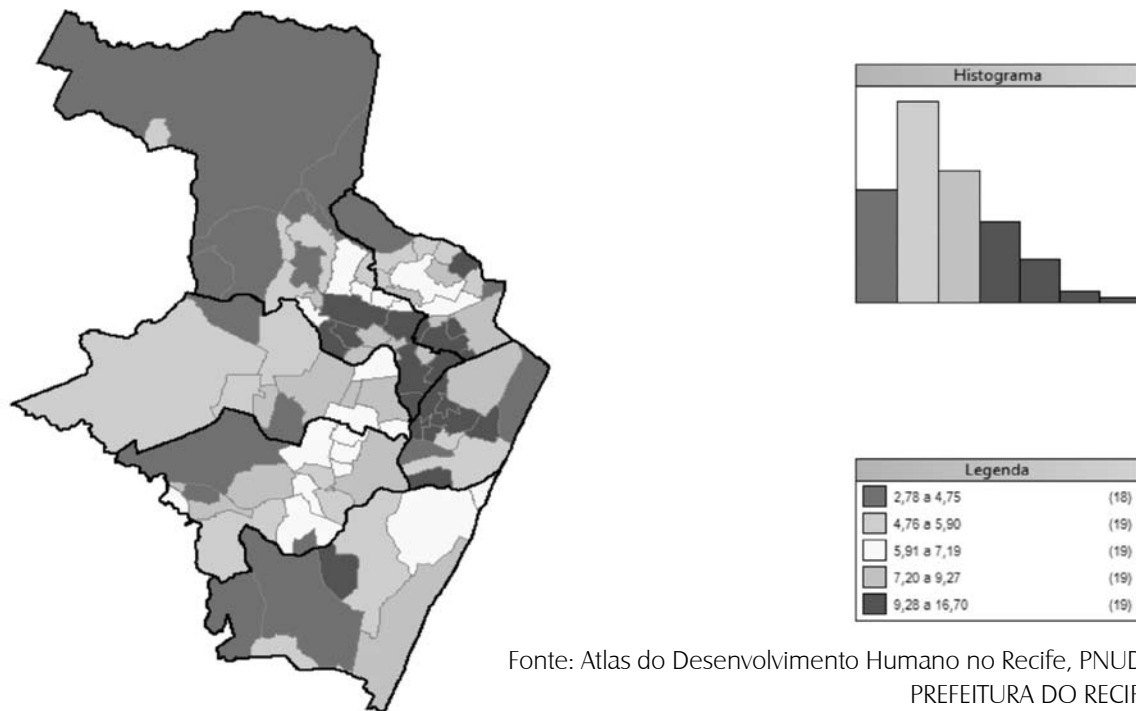
Esse cenário desafiador é acrescido de maior complexidade quando, em paralelo, se analisa os índices de crescimento populacional da cidade, pois, revela taxas ainda positivas de 0,93, de acordo com o IBGE, ou seja, existe uma heterogeneidade e uma fragmentação interna a cidade que revela necessidade de pensar diversos contextos, que coexistem no território. Com base nas imagens 01 e 02 é possível entender, especialmente o que significa essa fragmentação.

Imagem 01 – Taxa de Crescimento populacional da cidade do Recife no intervalo 1991 – 2000



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, PNUD/ PREFEITURA DO RECIFE.

Imagem 02 – Índice de envelhecimento para todos os bairros da Cidade do Recife, 2000



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, PNUD/ PREFEITURA DO RECIFE



A cidade, então, revela a sua condição de mosaico, representada por descontinuidades e falta de “tendência estatística”. Ainda que o somatório das taxas revele uma condição de crescimento refreada, a especificidade dos bairros não representa a dinâmica geral da cidade. Não obstante, ainda que se apresente fragmentada, a cidade do Recife se insere no roteiro de cidades que precisam ser observadas em função do seu acentuado processo de envelhecimento, uma vez que essa condição de envelhecimento se revela com ares de “novidade”, substituindo a ideia de que as cidades brasileiras representavam o retrato da juventude.

Frente às principais capitais brasileiras, Recife assume um elevado índice de envelhecimento, configurando-se no Nordeste como a capital com mais alto índice de envelhecimento, o que significa afirmar que a transição demográfica está se acelerando.

### **3. Apontando posturas para um agendamento urbano comprometido com a questão do envelhecimento**

O final do século XX e o início do século XXI evidenciaram e evidenciam impasses crescentes no que tange ao aumento da expectativa de vida nos países em desenvolvimento. Amplia-se a necessidade de políticas públicas que tenham como foco o atendimento às necessidades básicas e instrumentais<sup>13</sup> dos grupos sociais, mais especificamente e com maior atenção ao grupo de pessoas que atingiram uma perspectiva longa de vida.

A proposta de uma cidade que sirva a todos passa necessariamente por uma cidade que seja acessível a todos. Em uma primeira análise essa definição é simples e não apresenta contradições, entretanto a grande contradição e desafio estão no estabelecimento de práticas (públicas, políticas, administrativas e sociais) que revelem uma cidade construída por e para todos.

Essa condição permite perceber que assim como a cidade se apresenta reveladora de processos, funções e estruturas sociais, o planejamento precisa acompanhar essa dinâmica fluída e flexível. Ainda mais quando se percebe que as necessidades sociais mudam de acordo com o conjunto de influências e de novas perspectivas que alimentam e dinamizam a reprodução do sistema urbano.

---

13 As liberdades defendidas por A. Sen são: (1) liberdades políticas; (2) facilidades econômicas; (3) oportunidades sociais; (4) garantia de transparência e (5) segurança protetora, essas liberdades foram pensadas como condição para o desenvolvimento econômico, mas elas são facilmente transportadas para a discussão à reprodução da vida e se articulam para nos ajudar a diagnosticar e refletir acerca do processo de envelhecimento da sociedade e do espaço vinculado a ela.

É por causa desse movimento que as pessoas e tudo que é produzido por elas envelhecem, e se esse envelhecimento não for acompanhado de uma série de cuidados, instaura-se um problema de ordem crônica, em que os humanos não se sentem representados no seu tecido social e os espaços padeceram de uma condição de obsolescência.

A cidade, modernamente, compõe um campo privilegiado de possibilidades e também significa espaço de impossibilidades para alguns, ou seja, impossibilidades geradas na equação da vida humana com sua expectativa etária ampliada, de um lado, e do outro a insuficiência dos recursos físicos e de fluidez das coisas e equipamentos que constituem o urbano.

Há necessidade de se investir em tecnologias que contemplem o desafio da inclusão dos grupos sociais excluídos da dinâmica de reprodução da cidade, notadamente o grupo em processo de envelhecimento. E, associado a isso, se faz necessário pensar em modelos que contemplem as especificidades da população que está com expectativa de vida ampliada. Assim, deslocar a técnica e a tecnologia a serviço dos grupos sociais parece ser mais um dos desafios necessários a uma nova condição urbana.

A noção de “técnica” designa um campo de mediação, de ajustamento permanente entre os fatores materiais (necessidades biofísicoquímicas, princípios de funcionamento dos ecossistemas, dentre outros fatores materiais) e um sistema de representações e relações sociais, visando melhorar e ampliar relações mais equânimes entre os humanos e seu meio ambiente.

Frente a isso, urge a necessidade de elaboração de políticas públicas que além de implantar novidades e inovações tecnológicas como meio de gerar possibilidades de melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, sejam capazes de facilitar o trânsito e o acesso dos habitantes mais idosos. Auxiliando assim numa redefinição prática do que é a velhice para a sociedade moderna.

No cansaço e no desgaste do dia-a-dia, a vida foi passando, os filhos, quando existem, já estão enfrentando os seus próprios problemas, o velho ficou só, sem reservas, sem saúde, sem planos, precisando então de espaços e lugares alternativos capazes de atender uma demanda que não está mais restrita ao espaço privado da casa; da família e ganhou o espaço público da cidade.

O que reivindica como proposta pública é que a reprodução da vida tenha a garantia de elementos básicos capazes de permitir que esse grupo social continue produtivo, uma vez que é possível contestar que os idosos produtivos são mais saudáveis do que aqueles que se entregam a uma vida sem desafios.

Assim que é indiscutível que não só a sociedade precisa se adequar para sustentar o seu tecido social envelhecido, como também a cidade necessita de formas novas para antigos desafios.

Assim, o jogo entre antigas novidades, para velhos problemas recentes é indispensável que a cidade, em sua estrutura física, crie espaços para sustentar uma população de idosos que não reconhece seu espaço nessa cidade cada vez mais amnésica. Exige-se assim, a intervenção não só no conteúdo social da cidade, como também no seu desenho físico. Dessa forma, uma das soluções seria uma revitalização dos espaços pensados em conjunto com uma refuncionalização capazes de adaptar as estruturas da cidade para possibilitar as condições de acesso aos grupos minoritários comumente excluídos da dinâmica de reprodução do tecido urbano.

Frente esse novo tema do envelhecimento se resgata antigas soluções, como reflete Mertins<sup>14</sup> sobre a necessidade de revitalização uma vez que o espaço urbano é receptor de uma série de estratégias, as mais diversas, que os gestores, políticos e técnicos identificam com vistas a uma minimização da ação do tempo nas estruturas físicas e técnicas (proteção, restauração, conservação, renovação, revitalização, revalorização entre outros).

A realização de intervenções físicas na cidade não está apenas restrita a mudanças na morfologia, mas, também ajudam na promoção de melhorias para a qualidade de vida da população vinculada a esses espaços, assim, as intervenções urbanísticas: *i*) buscam melhorias das circunstâncias de vida tanto na moradia quanto no trabalho da população e *ii*) buscam o fortalecimento das funções do território<sup>15</sup>.

Com isso, se apresenta uma lista de um conjunto de intervenções no espaço que podem auxiliar a reintegração dos idosos ao tecido urbano

Lista de prioridade para a intervenção urbana às necessidades do grupo dos idosos:

1. Desenvolver grupos de encontros destinados ao pessoal da terceira idade;
2. Trabalhar a acessibilidade em todas as vias de circulação;
3. Melhorar a acessibilidade aos principais edifícios públicos;

---

14 MERTINS, Günter. et. ali. Zum Verstädterungsprozess im nördlichen Südamerika. Marburg: Marburger geographische Schriften, 2006.

15 In einer Interpretation des Städtebauförderungsgesetzes stellen Bundt und Roosch zwei Zielkomponenten der Stadtsanierung heraus: (1) die Verbesserung der Lebensverhältnisse der wohnenden und arbeitenden Bevölkerung und (2) die Funktionsertüchtigung von Gebieten“ (HESS, Bernhard . Methoden zur Abgrenzung von Sanierungsgebieten. [s.l]: [s.n.], 1975.)

4. Implantação de programas de requalificação e reestruturação dos edifícios e públicos e melhorar as condições de acessos às infra-estruturas urbanas;
5. Melhoria nas condições de segurança do bairro;
6. Implantação de grupos de assistência social aos idosos moradores do bairro;
7. Requalificação dos espaços públicos, além da necessidade de implementação de uma política de controle e manutenção dos espaços públicos;
8. Desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias que auxiliem no acesso ao bairro, bem como a facilitação das atividades relacionadas à dinâmica local do bairro;
9. Instituição de fóruns de discussão e articulação das pessoas idosas do bairro frente às demandas de integração e melhor adaptação às necessidades do grupo;
10. Criação de um conjunto de práticas sociais que melhorassem a vida dos idosos (criação de casas especializadas, abrigos, isenção de taxas, alugueis mais baratos, prioridade de atendimento, acesso aos serviços públicos, etc.)

## **Bibliografía**

BEAUVOIR, Simone de. A velhice: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições da vida dos idosos. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BACELAR, Rute. Envelhecimento e produtividade: Processos de subjetivação. 2 ed. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, 2002.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: Uma Contribuição Demográfica. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Coleção Repensando a Geografia: A cidade. São Paulo: Editora Contexto, 1995. 98 p.

\_\_\_\_\_. O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007a.

\_\_\_\_\_. O lugar no/do mundo. São Paulo: Labur Edições, 2007b.

\_\_\_\_\_. A cidade. São Paulo: Contexto, 1992, p. 13.

CARVALHO, José Alberto Magno & GARCIA, Ricardo Alexandrino. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. In: Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, 19 (3); 725-733. (mai-jun, 2003).

CARVALHO, Maria Clotilde Barbosa Nunes Maia de. O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: projeto “era uma vez... atividades intergeracionais”. Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

FERNÁNDEZ, Rosario Paniagua. El proceso de envejecimiento y la intervención social. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 4, n. 1. (jan./jun. 2007). pp. 57-75

GOMES, Edvânia Tórres Aguiar. Dilemas nas (Re)Estruturações das Metrôpoles. In: Revista Terra Livre. São Paulo: AGB, 2002.

\_\_\_\_\_. Agendando velhos reencontros: relações entre os humanos e a natureza nos espaços socialmente produzidos. In: Sposito, Maria Encarnação Beltrão.

\_\_\_\_\_. Discutindo a natureza possível na cidade contemporânea uma pesquisa no Recife-PE -Brasil. In: Encuentro de Geografos de America Latina. Santiago: Universidad de Chile, 2001.

\_\_\_\_\_. Recortes de paisagens na cidade do Recife: uma abordagem geográfica. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2007.

GOMES, Paulo César da Costa. A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

\_\_\_\_\_. Espaços de Esperança. São Paulo: Loyola, 2004.

HESS, Bernhard . Methoden zur Abgrenzung von Sanierungsgebieten. [s.l]: [s.n.], 1975.

HOLCOMB, B. y BEAUREGARD, R. A. Spatial targeting vs. political dispersion: Ramification of Urban Development Action Grants, [S.l.]: [S.n], 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeção da População do Brasil. Comunicação social, disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_imprensa.php?id\\_noticia=1272](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_imprensa.php?id_noticia=1272)

MERTINS, Günter. et. ali. Zum Verstädterungsprozess im nördlichen Südamerika. Marburg: Marburger geographische Schriften, 2006.

\_\_\_\_\_. Wachsende Marginalisierung und Marginalviertel in Großstädten der Dritten Welt. In: Kieler Geographische Schriften 111 (2006), 2006.

MÉSZÁROS, István. A crise estrutural do Capital. Revista Outubro, disponível em: [http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4\\_02.pdf](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4_02.pdf), acesso em: 16/04/2008.

\_\_\_\_\_. Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. Ciência com consciência. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. Introdução ao Pensamento Complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

PREFEITURA DO RECIFE. Atlas do desenvolvimento humano no Recife.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. Da totalidade ao lugar. São Paulo: EDUSP, 2005.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1991.

\_\_\_\_\_. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVERA, Maria Lídia Souza. Algumas notas sobre a temática da subjetividade no âmbito do marxismo. In: Revista Outubro. Nº 07. São Paulo, 2002.

SPOSITO, Maria E. B. Urbanização e cidades: Perspectivas geográficas. Presidente Prudente: [s.n.], 2001.